HOMENAGEM PÓSTUMA À PROFESSORA DOUTORA MÁRCIA REJANY MENDONÇA

É com pesar que nos despedimos da professora Dra. Márcia Rejany, estimada amiga e colega.

Neste momento de tristeza, algumas lembranças, guardadas na memória, vieram à tona e dizem um pouco sobre a professora de literatura que foi a Márcia Rejany. Com aquele jeito meio tímido, ela confidenciou certa vez que seu amor pela literatura começou quando seu avô paterno, que fora professor, a iniciou no mundo das letras, ensinando-lhe a ler. Ela nasceu em uma pequena cidade localizada no interior de Mato Grosso de nome Alto Garças. Já nos primeiros anos de sua infância, iniciaram as andanças de seus pais, ora por necessidade de sobrevivência, ora por motivos profissionais, e eles foram obrigados a mudar algumas vezes. Isso não a agradava muito, pois laços de amizades foram rompidos e jamais resgatados. Mas, esses laços passaram a pertencer à memória da infância da Márcia Rejany, e o resultado disso é que a sua identidade somou-se a de várias cidades dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e de São Paulo e, na fase adulta, de Santa Catarina e de Goiás. Depois, quando terminou o doutorado, novamente, Mato Grosso.

Nas lembranças da sua infância não houve apenas uma única cidade, mas várias. Cada uma com suas peculiaridades. Fato que, provavelmente, tenha participação, mesmo que simbólica, na sua trajetória profissional. O seu interesse em analisar, na literatura, a representação do espaço, as suas transformações, a forma como ele interage com as outras categorias da narrativa e também como é percebido pelas personagens, contribuiu para que ela pudesse compreender os mecanismos que engendram a interação do homem com o local em que habita e com os objetos que dividem com ele o espaço da cidade.

De 2007 a 2008, Márcia Rejany ministrou aulas de Literatura Brasileira e aulas de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, na Universidade Estadual de Goiás – UEG, câmpus Campos Belos. Durante esse período, ela orientou monografias voltadas para análises de obras dos escritores brasileiros, José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto, e também para o ensino da Literatura no Ensino Médio. Ainda como professora na UEG, realizou um minicurso sobre poesia, cujo objetivo era o de refletir sobre a lírica através do exame da poética de autores clássicos, românticos e modernos. Também deu início a um projeto de iniciação científica denominado *A cidade na literatura brasileira do século XX*.

Atualmente, era professora efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL). Em agosto deste ano iria coordenar, no VII Simelp 2019, Simpósio Temático intitulado “Feminino e espaço em literaturas de língua portuguesa”, com professores da UEG e UFG.

Essas lembranças são uma maneira de tentar suavizar a ausência e eternizar a presença da Márcia Rejany. Ao mesmo tempo, desejamos que elas expressem aqueles momentos bons que

passaram mas não se perderam. E por mais que queiramos dizer algo sobre a Márcia Rejany, que delineie a sua vida, o seu jeito, a sua feição, e acabe nossa dor, parece que o vazio invade tudo e nos emudece. Nessa condição, recorremos a um trecho da crônica "Despedida" de Rubem Braga que diz assim: "Para que explicações? Esqueçamos as pequenas coisas mortificantes; o silêncio torna tudo menos penoso; lembremos apenas as coisas douradas e digamos apenas a pequena palavra: adeus. A pequena palavra que se alonga como um canto de cigarra perdido numa tarde de domingo".

Descanse em paz, querida amiga.

Márcia Melo (POSLLI, UEG – Campus Cora Coralina)

OSMAN LINS: ESCRITOR E INTELECTUAL QUE NÃO SILENCIOU SOBRE O SEU TEMPO

OSMAN LINS: WRITER AND INTELLECTUAL WHO DID NOT MUTED ON HIS TIME

MENDONÇA, Márcia Rejany[1]
SILVA, Raul Gomes da[2]

> *Um intelectual é como um náufrago que, de certo modo, aprende a viver com a terra, não nela; ou seja, não com o Robinson Crusoé, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas com o Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e, que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor.*
> Edward W. Said. *Representações do intelectual*

Resumo: Ao levar em consideração a produção de Osman Lins na função de escritor e de intelectual,o presente trabalho analisa o seu compromisso com a realidade social brasileira tanto no que se refere às suas posturas diante do objeto artístico, isto é, na condição de escritor atento às demandas do meio e dos condicionamentos externos, como também no que concerne ao seu comprometimento como intelectual ligado à dinâmica de sua comunidade. Para a realização desse propósito, estabelece-se um diálogo com as reflexões de Antonio Candido (2011), acerca do escritor e de sua relação com o público, bem como com as proposições de Edward W. Said (2005), sobre as representações do intelectual. Com isso, pretende-se apontar que no exercício dos dois ofícios, o de escritor e intelectual, Osman Lins foi um homem que se manteveligado às necessidades de seu grupo e que não silenciou frente aos problemas de seu tempo.
Palavras-chave: Osman Lins; escritor; intelectual.

Abstract: Abstract: By considering the production of Osman Lins in the role of a writer and intellectual, this work analyzes his commitment with the brazilian social reality both as regards his attitudes before the artistic object, that is, on his condition as a writer attentive to the demands of the

1Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGEL) E-mail: marcia.mendonca@ufms.br
2Mestrando do curso de pós-graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGEL/CAPES). E-mail: raul.avlis@gmail.com

middle and external influences, as well as regards his intellectual impairment as connected to the dynamics of his community. To achieve this purpose, it establishes a dialog with the reflections of Antonio Candido (2011), about the writer and his relationship with the public, as well as with the propositions by Edward W. Said (2005), about the representations of the intellectual. With this, it is intended to point out that in the exercise of the two roles, writer and intellectual, Osman Lins was a man who stood on the needs of his group and did not muted facing the problems of his time.
Keywords: Osman Lins; writer; intellectual.

INTRODUÇÃO:

Neste trabalho, pretendemos refletir a respeito da figura do intelectual e escritor brasileiro Osman Lins, buscando compreender o seu posicionamento crítico no exercício dos dois ofícios. Por meio desta análise, procuramos mostrar que no desenvolvimento das duas atividades às quais Lins esteve ligado, não silenciou em face das dificuldades do seu tempo, examinando com acuidade os problemas (in)culturais do povo brasileiro. Unimos também ao texto observações sobre a relação de Lins com a literatura e com a realidade social, apontando os desafios do artista, seu lugar enunciativo e sua condição, geralmente, de sujeito à margem da sociedade: um exilado em seu próprio país. Podemos dizer, resumidamente, que aqui pensamos sobre as representações do intelectual e do escritor diante do campo social, político e artístico brasileiros.

O intelectual liga-se, de um modo ou de outro, aos problemas que atravessam a dinâmica social, porque, às vezes, se envolve como participante ou como hábil observador, com as mazelas e os conflitos coletivos. Por meio de um olhar perspicaz, ele denuncia e deflagra a verdade ao poder. Ele sabe-se sujeito da enunciação, agente de uma coletividade, pois propaga a voz dos esquecidos, dos oprimidos e dos excluídos dos sistemas globais de dominação.

O intelectual erige seu discurso e sua voz contestadora de um lugar e um tempo específicos: um *locus* de enunciação, um espaço social e político ao qual está vinculado ainda que a distância. Ele exerce um papel público na sociedade, porque é um "indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia, ou opinião para (e também por) um público" (SAID, 2005, p. 24).

Seguindo um percurso que se assemelha ao do intelectual, o escritor apresenta-se não só como indivíduo dotado de virtudes criadoras, munido de aparatos ornamentais e estéticos de composição, ele é, sobretudo, alguém que desempenha "um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores

ou auditores" (CANDIDO, 2011, p. 83-84). O escritor articula as tensões, os interesses e construtos culturais dos indivíduos, incorporando à obra as inquietações do meio social e criando com isso uma relação dialógica entre o artista e o público, isto é, um contato ativo com os condicionamentos externos.

Nessa relação entre obra e público, o escritor exerce função de agente, de agenciador de discursos. Por isso, nesse contexto, tanto o intelectual quanto o escritor estão unidos por um denominador comum: a capacidade que ambos têm de trazer à tona o outro, de costurar em seus discursos as narrativas de grupos e comunidades, uma vez que a atividade da escrita propicia "a manifestação alheia" (CANDIDO, 2011, p. 86). Nesse sentido, pode-se pensar que no processo de produção de conhecimento instauram-se jogos de poderes que contribuem para apagar a figura do intelectual, haja vista que é sobre ele que está posto a função de questionar, inquirir e causar desconforto às instituições.

Durante os anos de 1960 e 1970, Osman Lins desempenha no cenário esse papel, pois, acaba por abordar os problemas em torno da figura do escritor, das condições de produção do texto literário, das casas editoriais, da crítica, dos prêmios literários e do papel do intelectual em face das dificuldades do seu tempo.

É por questionar a ordem das coisas e dos lugares comuns, por desestabilizar o poder que o intelectual, para Said (2005), será sempre um sujeito "colocado à parte": ainda que integre a sociedade, o intelectual não compactua (ou não deveria compactuar) com os sistemas hegemônicos de dominação, ele é um "outsider" um "amador" "um perturbador do *status quo*" (p. 10). Para Said, o intelectual é

> [...] alguém capaz de falar a verdade ao poder, um indivíduo ríspido, eloquente, fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e impotente para ser criticado e questionado de forma incisiva" (SAID, 2005, p. 23).

Na visão de Said, o intelectual jamais se submete ao poder e nunca deve contribuir para o fortalecimento das instituições. O intelectual é, antes de qualquer coisa, um sujeito que desestabiliza, descentraliza e subverte as construções que regula as normas sociais. Ele articula reflexões em torno de uma causa, uma ideia. Essa, por sua vez, não é defendida em função de si próprio, de suas necessidades pessoais, mas de uma causa coletiva, um interesse público que atravessa um número maior de indivíduos.

Tais indivíduos são, mormente, os sujeitos da diferença cultural: as minorias constituídas por negros, indígenas, mulheres, homossexuais, periféricos, enfim, sujeitos que ocupam espaços menores na sociedade, que habitam o lugar da exclusão e da negação. O intuito é o de criar estratégias contra hegemônicas de discurso e trazer à tona os indivíduos subjugados e silenciados pela história.

Nessa perspectiva, o intelectual, homem ou a mulher das letras, deve manter distância da materialidade dos discursos das instituições de poder, e é exatamente esse movimento que formula as inquietações do intelectual brasileiro Osman Lins, para quem o poder nunca deve ser aliado do artista e da criação, conforme o registro abaixo nos mostra:

> Nunca o poder pode ser aliado da criação artística. O artista é sempre um provocador de áreas de atrito, é um inovador. E o poder é estático. Não acredito em nada que o poder possa fazer pela cultura. Toda aliança do artista com o poder é nociva para o artista. Nossos aliados somos nós mesmos. E o público é também nosso grande aliado no mundo contemporâneo (LINS, 1979, p. 219).

O poder é nocivo ao exercício do trabalho do artista, do escritor e, portanto, do intelectual. As instituições de poder procuram dominar as subjetividades e tentam barrar a performance do intelectual através da "vontade de verdade" que elas engendram, e o intelectual, nesse contexto, não deve fechar os olhos e dar as costas para os discursos que emanam desses espaços de controle, mas deve manter-se atento a tais discursos, contestando-os, repudiando-os e subvertendo-os criticamente. Vem daí o interesse em silenciar a voz do intelectual, visto que essa figura provoca o desequilíbrio dos discursos que não são transparentes tampouco neutros.

A esse respeito, Foucault, em sua aula inaugural no Collège de France, nos mostrou que há, em qualquer sociedade, um constante controle daquilo que pode ou não ser dito. Segundo o filósofo francês,

> [...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

O controle do discurso, engendrado pelos sistemas de dominação e exclusão, pelo aparelho estatal e por uma ordem discursiva que se quer totalizante, inviabiliza o pensamento,

as reflexões críticas e políticas do intelectual, bem como sua ação corporal num espaço/tempo de determinada sociedade, como se ele fosse obrigado a "submeter-se ao silêncio imposto pelos detentores do poder político, a sacrificar sua própria vida e, por vezes, o que é pior, a destruir a dos outros, ainda que esteja convencido do absurdo de tal sacrifício" (LINS, 1969, p. 38). Mas o intelectual caminha na contramão disso tudo, está sempre criando linhas de fuga, desterritorializando áreas, para fazer passar intensidades discursivas outras, mais de acordo com o interesse coletivo.

O intelectual é agente negociador de temporalidades e de espacialidades, é produtor de estratégias subversivas, de manobras e negociações entre enunciado e sujeito da enunciação. Seu objetivo é tornar o sujeito da exclusão o próprio agente, o protagonista da ação emancipatória: reescrever a consciência histórica a partir da alteridade e da outridade, questionando o "*inter-esse* da sociedade que marginaliza seus interesses" (BHABHA, 1998, p. 265), buscando uma revisão dos modos de inscrição, significação e representação no discurso literário e social. Em todo caso, trata-se de destruir as questões de ordem binária e pensá-las por meio de uma perspectiva da multiplicidade, isto é, "perturbar a ordem dos símbolos culturais, traumatizar a tradição" (Idem, p. 250).

Osman tinha plena consciência disso, do seu papel social e da sua função enquanto homem das letras, ele sabia que a palavra é poder e através dela buscou não só denunciar as mazelas do seu tempo, pondo em questão os problemas culturais brasileiros, mas também construir um *corpus* significativo de reflexões em torno das dificuldades de ser intelectual no Brasil, da problemática que o escritor enfrenta num pais que, à sua época, buscava a construção de um aparato intelectual sólido e emancipador.

Isso se verifica, por exemplo, em *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*, livro que veicula reflexões sobre o papel do escritor na sociedade, as relações entre obra e público, enfim, os problemas que envolvem "o escritor e as letras" (LINS, 1969, p. 15). Para Lins, o escritor deve não só manusear uma boa escrita e uma estrutura formidável para a obra literária, mas deve articular os anseios e problemas do meio social. Acerca disso, ele disse o seguinte:

> O bem escrever é apenas um de seus deveres, estreitamente ligado ao bem construir, isto sem falar na correlação da obra com o meio social onde aparece, e que um livro sem plano, ou ainda – coisa curiosa – acomodado a um plano ulterior à sua redação, é uma anomalia (op. cit. p. 58).

É certo que o primor com a palavra, a busca pela expressão exata e o bem escrever constituem uma inquietação muito forte no espirito do intelectual Osman Lins. Porém, para ele, tudo isso é nada e não tem valor algum se não estiver atravessado pelos problemas atuais e pelas condições em que a obra surge: ela torna-se vazia se despossuída das inquietações do seu tempo, cai em esquecimento. Osman compactua da premissa de que o verdadeiro artista veicula em sua escrita necessidades, anseios e interesses sociais, o que faz com que o artista desempenhe uma função, um papel social "reconhecido e remunerado" (CANDIDO, 2011, p. 37): o escritor é visto como "porta-voz" e "representante" de interesses dos sujeitos que compõem a estrutura da sociedade. Reside aí o compromisso do intelectual consigo mesmo e com o mundo, no equilíbrio com o contexto de produção, com os fatores e condicionamentos externos.

Ainda que as estruturas de poder tentem excluir, invalidar e silenciar o escritor, o intelectual, ele estará sempre lutando contra essa tentativa, mesmo que à margem e à distância de sua comunidade. Aliás, essa é a condição do intelectual: estar à margem das forças universalizantes, estar como que fora de sua própria comunidade. Essa condição o coloca mais perto dos sujeitos excluídos, pois é a partir do lugar da negação que seu discurso ganha força política e coletiva. Isso é o que afirma Deleuze e Guattari (2014) a respeito das características do escritor de literatura menor. Para os dois filósofos,

> [...] se o escritor está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (p.37).

Essa outra consciência coletiva seria aquela que estaria mais de acordo com as narrativas dos sujeitos menores, dos corpos da diferença, isto é, dos corpos políticos cujas vozes são silenciadas e preteridas dos espaços sociais. Para torná-la possível, o intelectual não se põe indiferente aos problemas de seu tempo, mas contesta-os criticamente em razão do outro, esse outro que tanto desconhecemos ou que fingimos não conhecer, porque, afinal, é sempre muito difícil gastar o tempo a olhar para aquilo que não é o reflexo de si mesmo.

Ao deslocar o olhar para o outro, o intelectual busca enxergar tudo aquilo que está em derredor de si, aquilo que, por vezes, é posto distante, seja porque ameaça e causa desconforto, seja porque o outro põe em perigo discursos já institucionalizados. Mas isso nem sempre acontece, é o que afirma Osman Lins sobre alguns intelectuais brasileiros. Para ele, há

> [...] intelectuais que vivem e agem no país como se habitassem em Eton, praticando uma espécie de radioamadorismo das letras, ligados à distância com personalidades estranhas à nossa verdadeira aventura e ignorando o que vibra em derredor de si (LINS, 1969, p. 63).

Ignorar a realidade circundante é negar as formas de representação do outro, é entrar em disjunção com a verdadeira característica do intelectual, com sua premissa mais significativa, que é trazer à tona a "dor de um determinado povo ou nação" (SAID, 2005, p. 53). Tal ação é perigosa e põe em evidencia a própria identidade e os atributos do homem ou mulher das letras, desestabiliza seu lugar enunciativo, põe em perigo a si mesmo, mas, sobretudo, ao outro, pois inviabiliza a aparição de vozes múltiplas e polifônicas. A apatia ao que pulsa em volta de si, faz do intelectual um sujeito de pronuncia incorreta, cuja língua soa estranha em seu próprio país: como se ele fosse um estrangeiro em terras conhecidas, em contextos familiares: ele levita e cai em ilusão.

Mas Osman Lins seguiu um movimento oposto a esse, porque estava ligado aos infortúnios de seu povo, aos problemas e dificuldades da sociedade brasileira. Seus textos revelam isto: um homem atento às narrativas omissas. Em "Retábulo de Santa Joana Carolina", por exemplo, talvez o mais importante conto do livro *Nove, Novena*[3], Osman revela as dificuldades da sertaneja e nordestina Joana Carolina: uma mulher viúva, professora primária e mãe de cinco filhos, que está cercada pela miséria, pela seca, enfim, por um ambiente áspero que reflete as desigualdades do contexto social brasileiro.

Não há espaço para a pernambucana que morre aos oitenta anos depois de passar por muitas adversidades. Embora o lugar que a ela se destina seja frequentemente dado aos sujeitos oprimidos pelo poder, ela, em determinadas situações, não se deixa dobrar pelo poder. No caminho para o cemitério, seu corpo é conduzido por vários homens. Nesse momento, tem-se um retrato significativo da identidade daquelas pessoas, de seu lugar e do tipo de espaço que ocupam no âmbito social. O fragmento a seguir é testemunho disso:

> [...] nós levando Joana para o cemitério. Nós, Montes-Arcos, Agostinhos, Ambrósios, Lucas, Atanásios, Ciprianos, Mateuses, Jerônimos, Joões Crisóstomos, Joões Orestes, nós. Chapéus na mão, rostos duros, mãos

3Em depoimento sobre Osman Lins, Leyla Perrone-Moisés diz o seguinte: "a sua obra-prima ainda é *Nove Novena*, e dentro de *Nove Novena*, é Retábulo de Santa Joana Carolina". In: *Eutomia*. Revista de Literatura e Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 13 (1), Jul. 2014, p. 178.

> ásperas, roupas de brim, alpercatas de couro, nós, hortelões feireiros, marchantes, carpinteiros, intermediários do negócio de gado, seleiros, vendedores de frutas e de pássaros, homens de meio de vida incerto e sem futuro, vamos conduzindo Joana para o cemitério, nós, os ninguéns da cidade, que sempre a ignoram os outros, gente do dinheiro e do poder (LINS, 1994, p. 113).

Assim como Joana, os homens que a levam para o cemitério também são sujeitos esquecidos pela cidade e marginalizados pelo poder. Feirantes, vendedores, carpinteiros, negociantes, homens que pertencem a lugares menores e a classes sociais específicas: são esquecidos pela cidade e pela ideia de desenvolvimento que o espaço urbano instaura. São sujeitos invisíveis, estão às voltas da cidade, enredados de silêncio porque integram os setores das classes dominadas.

E, por falar em sujeitos silenciados, gostaríamos de lembrar de um escritor bastante significativo para Literatura Brasileira. Trata-se de Lima Barreto, escritor que sofreu "o efeito de uma ação difusa, um processo disfarçado, surdo de sonegação – muito semelhante, por sinal, ao que entre nós marginaliza o negro –" (LINS, 1976, p. 12). Esquecido e posto de lado durante muito tempo pela academia, a literatura de Lima Barreto foi objeto de um importante estudo de Osman Lins no campo da Teoria Literária. Em 1976, Osman publicaria o ensaio *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, livro que traz em seu bojo importantes discussões sobre as representações do espaço literário, as formas de estruturação e aparição deste elemento na narrativa moderna.

No ensaio, Osman empreende uma análise minuciosa que deflagra a importância do espaço na ficção daquele autor, com destaque para as representações do espaço social da então cidade do Rio de Janeiro, espaço esse que, incisivamente, preteriu o escritor de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Para Lins, o grande êxito de Lima Barreto foi ter exercido com dignidade, e como nenhum outro, o ofício de escrever, com uma "consciência de uma oposição irredutível entre o escritor e o poder, na tentativa de construir obra [...] identificada com o seu tempo" (*Op. cit*. p. 12).

Essa identificação da obra com o meio em que ela surge só é possível quando o escritor não se exime de seu compromisso com o mundo e, atento à sua realidade, revela-a e torna-a perceptível através da palavra, é quando ele mergulha "profundamente no mundo" (LINS, 1977, p. 44). A literatura foi para Lima Barreto não apenas espaço de expressão ou de literariedade, mas, sobretudo, o lugar de comunicação com o outro, de "comunicação

militante" (LINS 1976, p. 18). Nesse sentido, Osman diz o seguinte a respeito de Lima Barreto:

> Ele não sonha alterar os destinos do mundo, mas espera ao menos inquietar, no seu país os donos do poder e os usuários das posições – e contribuir para despertar, entre os oprimidos explorados, entre os recusados, uma consciência crítica (LINS, 1976, p. 21-22).

É nesse ponto que as reflexões do intelectual Osman Lins sobre a obra de Lima Barreto se mostram relevantes e fundamentais não só em termos literários, mas, especialmente, políticos e críticos, visto que elas nos direcionam para um entendimento mais completo das relações sociais que formularam a sociedade brasileira do último século. Sua obra (a de Lima Barreto), pode-se dizer, possui valor documental porque ele imprimiu em seus textos "cenas de ruas ou dos trens de subúrbio, anotações sobre tipos humanos, paisagens, festividades" do Rio de Janeiro (LINS, 1977, p. 173).

Lima Barreto foi escritor que não silenciou sobre o momento presente. Usou as letras não para afirmação pessoal, mas para "servir sem esmorecimento a toda causa que lhe pareça justa" (*Op. cit*. p. 173). Nesse sentido é que as indagações de Osman a respeito da produção de Lima Barreto são importantes e urgentes, porque elas trazem ao cenário da crítica um autor que foi duramente silenciado e esquecido, joga luz na obscuridade em que viveu o escritor de *Numa e Ninfa*, promove a visibilidade de textos tão necessários para nossos dias.

Assim, vemos o quanto parecia importante para Lins temas que compreendem um contexto muito mais amplo que não apenas o meramente ficcional. Seu interesse ultrapassa as questões literárias, porque ele sabe que deve haver um elo entre a ficção e as narrativas históricas, por isso não foge a esse compromisso, ao contrário, assume-o durante todo o período de sua produção. Isso se verifica nas palavras de Osman, quando, em entrevista, disse algo bastante significativo e que pode exemplificar bem nossas reflexões até aqui:

> Eu aceito a história, e me volto para a história, aceito os meus compromissos diante da história e não quero renunciar a eles, principalmente levando em conta o momento histórico em que nós vivemos no Brasil, um momento que se diz sério, mas é altamente dramático. É possível que se eu vivesse num mundo mais justo, num país mais justo, eu pudesse me entregar de maneira mais tranquila à minha inclinação para uma visão cósmica do homem. No momento, vivo dentro de um conflito, não é porque estou naturalmente voltado para o universo, mas continuo ligado de maneira profunda à realidade do meu tempo, ao dia-a-dia, aos acontecimentos diários do meu povo. E é possível até que isto prejudique os meus escritos, que venha a dar

> aos meus escritos uma certa carência de unidade. Não faz mal. Eu aceitei esse risco. O que eu não quero é me dissociar dos problemas, do drama do homem brasileiro, do meu povo (LINS, 1979, p. 219).

Nesse fragmento, Lins destaca um momento difícil pelo qual passou a sociedade brasileira nos anos de 1970, data de publicação dessa entrevista: a ditadura civil e militar brasileira, regime ditatorial que perdurou durante os anos de 1964 a 1985 e que foi responsável por violentas formas de repressão às manifestações populares, pelo silenciamento e a expulsão de vários intelectuais do Brasil. Como se sabe, Osman possui um livro que, no conjunto de sua obra, figura como um dos mais significativos: trata-se do romance *Avalovara,* publicado em 1973.

Esse romance possui várias características que o torna um texto fundamental para quem deseja entender um pouco mais sobre as reflexões e o posicionamento do escritor e intelectual Osman Lins. Dentre elas, podemos dizer que o primor com a linguagem, a forma de estruturação e o ornamento da obra são alguns elementos que se destacam quando se fala em *Avalovara*. No entanto, há um outro fator que, para nós, e especialmente para esta análise, é bastante significativo e mesmo fundamental: a temática social abordada na obra, que é a representação da ditadura militar brasileira.

A matéria histórica presente no romance trata do problema do escritor e o cerceamento de sua expressão, representados através do protagonista Abel, intelectual que deseja realizar um romance, mas que é barrado por forças opressivas da ditatura militar.

A busca pela realização literária de Abel é tratada por meio de duas alegorias: [redacted] e o Iólipo. Aquela é a personagem não nomeada, representada somente por um sinal gráfico criado por Lins, ela é a palavra e a linguagem literária, a amante de Abel, com quem atinge a plenitude de sua busca pela construção do romance. O Iólipo é o monstro, "a mais completa representação da violência em *Avalovara"*[4], está ligado a Olavo Hayano, marido de [redacted] e representante da ditatura militar brasileira. Olavo é coronel do serviço militar, reprime e cerceia a mulher feita de palavras: "a função dele é cercear-me, romper-me, demolir em mim o que está construído, tentar impor-me o seu mundo, o seu modo" (LINS, 1973, p. 247).

4BAPTISTA, Cauê Augusto Maia. Representação e resistência: a ditadura militar brasileira em Avalovara (1973), de Osman Lins. 2013. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Em vários momentos de *Avalovara* o tema da opressão é trazido à tona e com ele a problemática que se instaura entre o intelectual e suas reflexões críticas. O fragmento a seguir exemplifica isso:

> A opressão, se instaurada como norma e ainda mais quando se manifesta com instrumentos precisos – quase sempre revestidos de uma moral: uma réplica da gravidade no mundo físico. Infiltra-se nos ossos e invade tudo. Infecciona o mundo. Infecciona o mundo, eu disse? Sim, isto. Uma doença (*Op. cit*. p. 221)

Ao atingir o cerne da linguagem e da expressão, o intelectual se torna ameaça para o mundo. Quando Abel e [redacted] se encontram, isto é, o escritor e a literatura, eles são assassinados por Olavo Hayano, o representante da opressão militar na obra: mata-se o homem das letras e suas reflexões políticas que causam desconforto e desestabilizam os regimes totalitários e os sistemas hegemônicos de poder.

Com essa alegoria, Lins deflagra as dificuldades de ser escritor no período regido pelo militarismo, pela violência e pela repressão; inscreve no objeto ficcional as inquietações e as dificuldades de seu tempo, demonstra, com isso, o seu compromisso com a realidade social e com os problemas do homem brasileiro.

Ora, parece que tudo o que dissemos até aqui sobre Osman Lins é revelador de um intelectual ligado ao seu povo e às suas dificuldades; suas proposições revelam particular interesse pelos dilemas do homem brasileiro, pelas narrativas dos sujeitos esquecidos pelo poder e marginalizados pelas classes dominantes. Suas reflexões e posicionamentos críticos são feitos a partir do reconhecimento das especificidades que constituem a nação brasileira, ele reconhece as histórias locais porque esteve ligado aos infortúnios da sociedade em que viveu.

Nesse ponto, enquanto intelectual e escritor, pode-se dizer que Lins exerce função de agente, pois agencia enunciados políticos dos sujeitos da diferença, dos indivíduos que pertencem ao núcleo das classes subordinadas. Ele esteve envolvido com os problemas sociais e políticos que movimentaram o Brasil nos anos de 1960 e 1970. Na condição de intelectual, Osman foi produtor de estratégias subversivas, de manobras e negociações que evidenciam seu compromisso com o coletivo e com o social.

Portanto, para nós, escrever na/da América Latina, produzir epistemologias no e a partir do Brasil, é reconhecer as condições, as especificidades e as sensibilidades que formulam o espaço social brasileiro. E, conforme apontamos, Osman Lins fez isso

sobremaneira, foi um intelectual que não silenciou sobre o seu tempo, tampouco se distanciou de seu compromisso com mundo.

REFERÊNCIAS:

BAPTISTA, Cauê Augusto Maia. **Representação e resistência**: a ditadura militar brasileira em Avalovara (1973), de Osman Lins. 2013. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/15122. Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Por uma literatura menor**. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. 1° ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LINS, Osman. **Avalovara.** São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

_____. **Nove, Novena, Narrativas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Evangelho na Taba:** outros problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Do ideal e da glória**: problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

_____. **Guerra sem testemunhas**: o escritor, sua condição e a realidade social. São Paulo: Martins editora S.A., 1969.

PERRONE-MOISÉS; Leyla. Lembrança de Osman Lins. In: EUTOMIA, **Revista de Literatura e Linguística da Universidade de Pernambuco**. V. 1 n. 13. Recife, julho de 2014, p. 177-183. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/631. Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual:** as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.